

Desde o primeiro dia pensei sempre em fugir

— ex-miliciano que serviu durante 10 meses como cozinheiro dos bandidos armados

A Iniciar a série de entrevistas feitas em Chibuto com alguns dos mais de 80 bandidos armados, desde Maio último, entregues ao Comando Militar de Gaza, publicamos hoje a história de um indivíduo que afirma ter sido milícia popular antes de ser raptado e compulsivamente integrado nas fileiras do banditismo, de onde viria a desertar cerca de 10 meses volvidos, depois de servir, segundo as suas palavras, como cozinheiro, entregando-se às autoridades.

De seu nome completo William Ngive Macuhane, de 41 anos de idade, é natural de Xigamane, zona de Massangana, no distrito de Chicualcuala. Nas suas declarações, denota maturidade e firmeza política e, conforme nos disse, nunca alimentou qualquer dúvida sobre o carácter criminoso — sem qualquer futuro do banditismo armado, o que parece corroborar o facto de haver sido membro das nossas Forças de Segurança.

O RAPTO

— Foi em Maio de 1983 que os bandidos armados me raptaram próximo da minha casa. Encontraram-me a trabalhar na minha machamba e depois de me roubarem grande parte do milho que ainda estava em maluração no campo, obrigaram-me a acompanhá-los e, como eram muitos (mais de 20) e se encontravam armados, nada mais pude fazer senão segui-los — estas são as primeiras palavras de William Macuhane.

A despeito de ser miliciano, esclarece-nos ainda, não lhe foi possível tentar qualquer acção de defesa, não só por se encontrar em inferioridade numérica, mas também porque na ocasião não possuía arma. Nessa altura, na sua zona havia escassez de armamento e só os milicianos que estavam em período de trabalho ficavam com armas porque estas ainda não chegavam para todos.

— Daí — prossegue — conduzi-ram-me a um acampamento situado a aproximadamente 20 quilómetros da região de Xigamane. Quando chegámos, já de noite, fui amarrado a uma árvore e assim permaneci durante quase dois dias. Quando me desamarraram fui enviado para o treino, que durou um mês, depois do qual

me distribuíram uma arma, de tipo «AKM». Fiquei, assim, à espera de uma oportunidade para fugir, quando saíssemos para assaltos, porque eu não queria de manelra nenhuma ficar com eles, para andar a roubar e a matar pessoas inocentes.

DESILUSÃO (?)

Mas, como conta o nosso entrevistado, passados alguns dias depois de receber arma, o seu grupo saiu e ele foi mandado ficar, sem que soubesse o que havia provocado tal mudança de atitude para consigo, por parte dos chefes do acampamento.

A sua dúvida desfez-se cerca de uma semana volvida, quando um dos chefes o chamou para anunciar que ele tinha sido designado para trabalhar como cozinheiro dos doentes e feridos, no hospital do acampamento.

— Não cheguei a saber ao certo a que fora devida aquela minha colocação na cozinha, eu desconfiei da minha avançada idade em comparação com os outros. Mas, de qualquer modo, em vez de me deixar satisfeito, a oportunidade de escapar ao grupo de ataques provocou-me tristeza, porque assim ser-me-ia muito difícil — como de facto o foi — tentar fugir.

Insatisfeito, embora, William Macuhane fez todos os possíveis para desempenhar bem o seu trabalho, a fim de evitar suspeitas, enquanto ia estudando as hipóteses de fuga. Esta situação durou nada menos de 10 meses.

FINALMENTE A OPORTUNIDADE ESPERADA

Finalmente, a oportunidade tão longamente aguardada chegou em Feve-

reiro de 84, quando uma noite William Ngive Macuhane é escolhido para fazer parte de um grupo que deveria partir para Inhambane, a fim de carregar material de guerra.

— Mal dormi essa noite — prossegue o nosso entrevistado — e tive que fazer grandes esforços para não trair a minha emoção. De madrugada o grupo partiu, mas tal como tinha planeado, eu não cheguei ao destino.



«Eu era miliciano, fui raptado e treinado pelos bandidos, mas desde o primeiro dia pensei em fugir» — William Ngive Macuhane, que se entregou com sua arma e sacudiu às nossas forças

Fugi na zona de Nzimane-2, em direcção a Mabote, já na Província de Inhambane. Fugi sozinho e depois de marchar vários dias e noites seguidos fui entregar-me a uma zona de milícias, com a minha arma e «sacuda» (mochila) e estes levaram-me ao quartel das FAM/FPLM em Chipimbi. Daqui conduziram-me para Mapai, onde com as nossas forças permaneci um mês.

NÃO ME CONSIDERO BANDIDO ARMADO

Do Quartel de Mapai, William Macuhane foi conduzido para o Comando Militar Provincial de Gaza, em Chibuto, onde chegou a 16 de Março deste ano.

— Agora o nosso Governo é que vai resolver a minha situação, fosse como fosse eu acabaria por fugir porque eu não queria escangalhar a minha vida nas fileiras sem futuro dos bandidos, a assassinar, roubar, cortar cabeças e outras monstruosidades a pessoas inocentes que nunca conheci, para um dia eu próprio também acabar morto em qualquer floresta. Não tive medo de fugir porque não me considero bandido armado, apenas fui raptado e treinado, tudo à força — diz ainda William Macuhane.

Referiu-se depois às saudades que tem da sua terra-natal e da sua família (mulher e dois filhos), que desde Maio de 83 não vê e nunca recebeu notícias suas.

— Quanto ao resto, estou satisfeito porque consegui escapar das mãos dos bandidos. Aqui, desde que cheguei tenho sido muito bem tratado, juntamente com os outros que também se entregaram, comemos bem (almoço e jantar), tomamos banho e temos assistência médica, no hospital da vila. Nas nossas condições não poderia haver melhor tratamento — finaliza William Macuhane.